

Vamos à Luta!

Enquanto promove extrema riqueza para um pequeno numero de agentes transnacionais, o mundo dos negócios, em todo o planeta, e como em todas as épocas do capitalismo, exige mais e mais exploração dos trabalhadores. Em épocas de crise, o projeto dos poderosos se foca na piora das condições de trabalho, na redução dos direitos sociais e na repressão aos movimentos sociais, que conseqüentemente protestam. Os explorados de todo o mundo, mais uma vez, indignam-se frente à falta de perspectivas deste sistema excludente e começam a rechaçar, inclusive nas urnas, este projeto político, que já se mostrou incapaz de atender as demandas básicas do povo. A primavera árabe, as greves gerais na Europa, as ocupações nos Estados Unidos, as jornadas de junho de 2013 no Brasil, e outros movimentos das massas, dão provas de que os capitalistas estão sendo questionados. E enquanto eles se movimentam para manterem-se senhores, os trabalhadores e o povo pobre, mais uma vez, se confrontam com o desafio de construírem uma nova ordem que consiga dividir a grande riqueza, que todos os dias produzimos com nosso trabalho.

Os 12 anos de governos petistas no Brasil utilizaram da esperança e confiança dos trabalhadores para dar uma nova roupagem ao projeto capitalista no nosso país, oferecendo ao povo não mais que mitos e migalhas em troca de uma estabilidade política que esfriou as lutas sociais, que na década de 80 aqueciam a conjuntura. Junho de 2013 foi um rompimento que veio inaugurar um novo momento em que as lutas sociais não mais podem ser contidas pelo partido do governo, reaquecendo a indignação popular com sua situação, reanimando o processo pedagógico das lutas e dando novas esperanças de reais mudanças aos trabalhadores da Unicamp e fora dela. Domesticado pelas alianças políticas conservadoras que construiu, o partido dito dos trabalhadores não consegue apresentar nada além da velha política de exploração em favor dos poderosos e contra o Brasil. Neste momento, a polarização entre tucanos e petistas desmancha no ar e cria oportunidade para levantarmos as velhas bandeiras que os governistas esqueceram no fundo do baú como a melhoria do salário mínimo (que na Unicamp tem sua melhor expressão na luta pela isonomia dos pisos salariais com a USP), melhores condições de trabalho (que

na Unicamp se expressa na luta pelo aumento do quadro funcional, pelos direitos dos trabalhadores FUNCAMP, terceirizados e no combate às terceirizações) e o intransigente combate ao racismo, machismo, homofobia e todas as formas de opressão.

O nosso XIII Congresso deve tratar de sintonizar o STU com este momento da luta de classes e do Brasil. O movimento sindical da Unicamp hoje se encontra hegemonizado por um arco de alianças que, nestes últimos anos, deu sustentação e legitimidade para o governo petista e para o programa político do governo tucano. Inclusive apoiando a campanha do atual reitor na consulta em 2013. Frente aos nossos reais desafios, nosso sindicato é incapaz de apresentar uma linha política clara e se apequena diante da indignação da categoria e da necessidade que temos de conduzir os enfrentamentos necessários. A imobilidade do sindicato nas campanhas salariais 2013, 2014 e 2015 e diante do descaso do reitor com nossas demandas, mesmo naquelas que compuseram seu programa de gestão, são provas suficientes disso.

Na nossa avaliação, a principal causa desta incapacidade do STU de apresentar uma linha política clara tem a ver com a forma de composição da diretoria. A atual proporcionalidade entre todas as chapas que concorrem à eleição sindical, ao final das contas, favorece a troca de favores e a burocratização das forças que não têm política e entrega o controle da entidade na mão daqueles que não podem apresentar claramente sua política, uma vez que ela já é evidentemente impopular. Neste cenário, o Vamos à Luta, único coletivo realmente disposto a enfrentar os governos e a reitoria Tadeu, tem o poder de decisão restrito por conta da aliança entre confusão política e governismo, enquanto a troca de cargos e favores da burocracia sindical os mantém unidos. O XIII congresso dos trabalhadores da Unicamp tem como principal tarefa a instauração de eleições majoritárias para o próximo pleito sindical. Isto politiza a disputa, forçando os grupos a assumirem com mais clareza seus projetos e suas alianças, e permite que o sindicato encaminhe uma política de enfrentamento, se for este o projeto vitorioso, ou que uma oposição sindical denuncie o peleguismo da direção, se sair vitorioso o projeto da conciliação com a reitoria.